



FIGUEIREDO, E. *Mulheres ao espelho*: autobiografia, ficção, autoficção. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013. 246 p.

Luciano Passos Moraes¹

Submetido em 11 de março e aprovado em 18 de março de 2014.

O título da mais recente publicação de Eurídice Figueiredo, *Mulheres ao espelho*, pode, ao primeiro olhar, remeter à ideia de

um livro estritamente feminino... no entanto, a obra, resultado de longo período de pesquisa e reflexão, oferece muito mais do que a análise literária de textos escritos por mulheres. Em suas mais de 240 páginas, a leitura atenta da produção de autoras brasileiras, francesas e quebequenses acerca do tema da sexualidade é pretexto para lançar ao público um novo olhar em direção às escritas de si. O *corpus* literário analisado tem, na maior parte dos casos, a voz feminina, mas ao longo dos quinze capítulos destaca-se uma outra voz, a da crítica, que ultrapassa as barreiras de gênero.

A obra é resultado de longa pesquisa, que através de perspectiva comparatista permite verificar aproximações e divergências entre as escritas íntimas lançadas no Brasil, França e Quebec a partir da década de 1970. Um de seus méritos é a atualização de importantes teorias e conceitos que, segundo a própria autora, careciam de publicações em português. O livro é aberto com uma retrospectiva de aspectos fundamentais para se pensar as escritas de si, a começar pelo debate acerca da morte do autor a partir dos textos emblemáticos de Roland Barthes e Michel Foucault. A importância de ambos, na contracorrente da crítica ao final da década de 1960, é ponto de partida para que seja retomada a

noção de biografema, rumo à “volta amigável do autor”, nas palavras do próprio Barthes. Diversos textos do crítico francês são aludidos com vistas a preparar o terreno das análises, resgatando a figura do autor através do estudo das escritas confessionais e posicionando o sujeito no centro dos debates atuais.

Essa revisão teórico-crítica prossegue com uma análise do incontornável pacto autobiográfico, proposto por Philippe Lejeune em 1975, para elucidar a noção de referencialidade e as relações entre autor, narrador e personagem, sem deixar de abordar sua tentativa de estabelecer parâmetros de gênero entre as diferentes modalidades dessas escritas, como diários, memórias, cartas e romances autobiográficos. Cada uma dessas categorias recebe particular atenção da autora por meio da remissão a escritores brasileiros, franceses e quebequenses que produziram obras que as exemplificam sem deixar de desafiar os limites entre o confessional e o ficcional. Sem se limitar ao pacto autobiográfico, a autora traz à tona inúmeros outros críticos no intuito de aprofundá-lo e compor um mosaico de importantes referências nesse campo.

O conceito de autoficção, criado por Serge Doubrovsky em 1977, recebe especial atenção da pesquisadora, que parte de uma elucidação

didática do termo para em seguida explorar os debates dele decorrentes. Complementa e aprofunda a reflexão o entrecruzamento de leituras de Vincent Colonna, Philippe Gasparini, Régine Robin e Madeleine Ouellette-Michalska, numa perspectiva que vai além da simples resenha. Ao posicionar lado a lado diferentes compreensões do que seria a autoficção, a autora toma parte no debate e impulsiona os estudos críticos feitos no Brasil a respeito da questão.

No segundo capítulo, é tematizada a androginia do escritor na criação de suas personagens, a partir da leitura da escrita autobiográfica de Gabrielle Roy, sobretudo da personagem Pierre Cadourai, *alter ego* da autora. Sua criação andrógina é confrontada com Emma Bovary, personagem descreditada por Roy. O capítulo seguinte versa sobre a repressão materna como motivo recorrente entre escritoras francesas de autobiografias (são postas lado a lado aqui Jeanne Hyvard, Marie Cardinal, Benoîte Groult, Simone de Beauvoir); corpo e sexualidade são abordados em seus romances em contexto de educação castradora, sendo a escrita estratégia de desalienação. O quarto capítulo é dedicado às narrativas autobiográficas da escritora francesa Annie Ernaux, nome de destaque nas escritas confessionais por explorar

com desenvoltura a questão da sexualidade feminina.

No quinto capítulo, é proposta nova reflexão de cunho predominantemente teórico, trazendo agora à luz o tema da (auto)escrita da sexualidade. O ponto de partida é um comentário a respeito de romances que causaram algum impacto editorial, evocando seu contexto de publicação: de *Histoire d'O* (de Pauline Réage/Dominique Aury) a *Baise-moi* (de Virginie Despentes), passando por *A vida sexual de Catherine M.* (de Catherine Millet), *O doce veneno do escorpião* (de Bruna Surfistinha/Raquel Pacheco), *Putain* (de Nelly Arcan/Isabelle Fortier).

O primeiro tema apresentado nesse capítulo é o discurso pornográfico desde a origem do termo “pomógrafo”, introduzido por Restif de la Bretonne na segunda metade do século XVIII. É verificada aí sua relação com o discurso literário, a partir da leitura de Dominique Maingueneau. Mais uma contribuição de *Mulheres ao espelho* é discutir a atopia do discurso pornográfico, que não tem lugar no espaço social, mas em seus interstícios. Em comum com a literatura há “um certo desejo de transgressão” (FIGUEIREDO, 2013, p. 100), especialmente na atualidade, quando o romance “parasita a pornografia” (FIGUEIREDO, 2013, p. 101).

Em seguida, são discutidas as diferentes visões que se fazem do

homem e da mulher no acúmulo de parceiros sexuais: para o primeiro, dom-juanismo; para a segunda, ninfomania. A leitura do romance de Catherine Millet é revelador dessa dualidade, pois, ao narrar suas experiências sexuais a autora confirma uma problemática da sexualidade feminina: a postura masculina nas ações, a quantidade de parceiros em detrimento da qualidade das relações, a mulher vista sempre como objeto do desejo do outro.

Seguindo o fluxo da reflexão acerca da sexualidade, Figueiredo apresenta alguns temas fundamentais para se pensar sexualidade e literatura. O tema do incesto é abordado a partir da leitura de *L'inceste*, de Christine Angot, autoficção em que, a partir do uso de nomes verdadeiros de familiares da escritora, são narradas experiências sexuais nas quais o prazer raramente se faz presente.

A prostituição é discutida por meio da obra da quebequense Nelly Arcan, pseudônimo de Isabelle Fortier. Ao narrar a atividade exercida na época de estudante, Arcan revela-se misógina, estabelecendo um jogo de apagamento da figura da mãe e denunciando a concorrência permanente entre as mulheres. O abjeto faz-se presente na narração de um “caminho sem volta”, experiência traumática e inesquecível. É também a partir de Arcan que Eurídice

Figueiredo discute a ciberpornografia como matéria literária. Os papéis do homem e da mulher, ainda que às vezes se confundam, ficam aqui mais claramente delimitados quanto à noção de sujeito e objeto do desejo através do mundo virtual, em *Folle e À ciel ouvert*.

Personagens com sérios problemas psicológicos são observados sob a perspectiva do *borderline*, em dois momentos. No primeiro, são analisadas as implicações das disfunções familiares nas personagens de Marie-Sissi Labrèche, mergulhadas em crises e conflitos. No segundo, encontramos uma leitura de *Hell*, de Lolita Pille, autoficção reveladora dos bastidores sórdidos da alta sociedade, com a supervalorização do mundo do consumo em detrimento do sujeito psicologicamente estruturado.

O lesbianismo é visto brevemente a partir do romance *Apocalypse bébé*, de Virginie Despentes, em leitura paralela a *Duas iguais*, de Cíntia Moscovich; pedofilia e sexualidade infantil são observadas em *O caderno rosa de Lori Lamby*, de Hilda Hilst. Em seguida, encontramos reflexões acerca da liberação sexual nos contos de Márcia Denser, uma das pioneiras na literatura erótica a la Henry Miller. A criação de um *alter ego* e a forma autoficcional adotada eram compatíveis com as mudanças que surgiriam na literatura a partir

da publicação de obras escritas por autores homens.

Encerra-se esse capítulo com o texto intitulado “Interdito, transgressão, profanação”, uma revisão das leituras apresentadas no qual se destaca a noção de extimidade. Ligada à exposição/exibição da vida social e sexual em diversos meios (internet, televisão, revistas de fofocas), essa noção influencia inevitavelmente a literatura das autoras analisadas e evidencia que o sujeito focalizado nas narrativas não deixa de expor traços autobiográficos de seus criadores, a partir de temas considerados tabus.

Personagens excluídas da sociedade são estudados no sexto capítulo, através das obras de Delphine de Vigan e de Marie Gagnon. Para a primeira, a família disfuncional é terreno fértil para conflitos psicológicos os mais diversos, espaço povoado de traumas. Para a segunda, cujos dois romances são “uma (quase) repetição do mesmo” (FIGUEIREDO, p. 140), é central o tema da prisão da personagem dependente química.

A seguir, a leitura atenta da obra autobiográfica da brasileira Nélide Piñon evidencia o contraste em relação às autoras analisadas até então. Diferentemente do despudor denunciado em outras obras analisadas, verifica-se aqui a linguagem pudica,

o enfoque objetivo e certa atitude preconceituosa por parte de Piñon, que pouco mostra de sua sexualidade, restringindo-se a reforçar a imagem de escritora consagrada.

O oitavo capítulo propõe uma análise da memória da etnicidade que acaba por denunciar a restrição à presença de personagens negras ou indígenas no mercado editorial. Elas permanecem à margem das publicações mais difundidas, visto que a maior parte dos escritores que se dedicam ao tema publica em pequenas editoras, contribuindo a pequenos passos para a batalha no campo da memória coletiva. Figueiredo empenha-se em contribuir com esse movimento a partir de uma análise das obras de Conceição Evaristo e Eliane Potiguara. Tematizando a importância da escolaridade na passagem da oralidade para a escrita, ambas são vistas como representantes dessa corrente contra-hegemônica, contribuindo para uma nova “sociologia das emergências”, para recuperar o termo de Boaventura de Souza Santos. O capítulo é encerrado com uma entrevista com Conceição Evaristo, que certamente contribuirá para as reflexões acerca das relações entre ficção e autobiografia a partir da visão lúcida do fazer criativo presente em sua obra.

Régine Robin é objeto das análises constantes do capítulo seguinte, sobretudo a partir das noções de bioficção e ciberficção, propostas pela escritora francesa estabelecida no Quebec. Sua noção de romance memorial é estudada a partir da obra multifacetada, que alterna e hibridiza os relatos de si com ficções presentes tanto em seus romances constituídos de narrativas curtas quanto em seu *site*.

Romances de três escritoras brasileiras são analisados nos capítulos seguintes. A autoficção é tomada na leitura de *A chave de casa*, de Tatiana Salem Levy. A obra, apresentada originalmente como tese de doutorado, explora o périplo de uma narradora em busca de suas identidades, postas em diálogo com uma judeidade que ela decide conhecer de perto. A segunda escritora contemporânea analisada é Carola Saavedra, que embora nascida no Chile veio para o Brasil aos três anos de idade e integra, segundo a autora, a atual safra de escritores que surpreendem o leitor a partir da remontagem da narrativa. Embaralhando ficção e biografia e incluindo os elementos autorreferencial e metaficcional, os romances *Toda terça* e *Flores azuis* trazem como tema a relação amorosa e são exemplos do caráter transgressivo da literatura produzida hoje no Brasil. O romance palimpsesto de Adriana

Lisboa é abordado em seguida, sobretudo a partir da estratégia empregada em seu romance *Um beijo de Colombina*, em que há diversas referências a Manuel Bandeira. Ela inclui no romance citações e utiliza o espaço comum ao poeta, o centro do Rio de Janeiro, constituindo-se a escritora em um duplo de Bandeira.

No artigo seguinte, vemos que a reescrita dos contos de fada oferece vasto campo de exploração criativa. Partindo de diferentes e conhecidas versões do conto *Chapeuzinho vermelho*, a de Charles Perrault e a dos irmãos Grimm, a autora traça um panorama do papel da mulher a partir da reescrita das personagens Chapeuzinho e sua avó. São entrecruzados os contos do escritor quebequense Jacques Ferron e o de Guimarães Rosa, postos em diálogo com a canção *Lobo bobo*, de Ronaldo Bôscoli e a animação *Deu a louca na chapeuzinho*, de Cory Edwards. O aspecto lúdico das narrativas que todos conhecemos desde a infância dá lugar a uma leitura atenta e perspicaz do papel da mulher nesses textos e de como a sexualidade pode ser neles explorada em múltiplas direções.

O diálogo entre as artes plásticas e a literatura confirma que há muitas questões comuns a ambas; a incursão da autora nesse universo se dá pela análise da obra *Espelho diário*, de Rosângela Rennó e Alícia

Duarte Penna. A instalação criada por Rosângela a partir de pesquisas em jornais culminou na transposição das experiências identitárias para um livro, espécie de *making of* do vídeo-diário narrado pela artista. A multiplicação das identidades é tema desse artigo, que chama à reflexão os temas do autorreconhecimento e as relações entre corpo e (auto)imagem.

O capítulo de fechamento de *Mulheres ao espelho* traz uma reflexão sobre o tema do *ménage à trois*, a partir de três textos de Cervantes, Machado de Assis e Flaubert. A ambiguidade dessas relações a três põe em perspectiva as releituras propostas por esses relevantes escritores tão distantes e pertencentes a diferentes tradições literárias, mas que sob o olhar crítico da autora revelam-se mais próximos do que se pensaria.

As questões de gênero, classe e sexualidade são pensadas na obra de Eurídice Figueiredo para mostrar que, assim como autobiografia e ficção são categorias intimamente relacionadas, permeadas por aspectos sociais e culturais, o próprio papel da mulher na literatura, muitas vezes subjugada ou esquecida, é também produto de uma construção social. Por meio das reflexões empreendidas ao longo do livro, fica impressa sua contribuição para que se repense tais questões de modo a aprofundar a discussão e

reafirmar a necessidade de se ampliar o espaço do feminino rumo a um acerto de contas que desestabiliza certas classificações genéricas equivocadamente estabelecidas pela crítica.

Notas

1. Doutorado em Estudos da Literatura na Universidade Federal Fluminense e professor do Colégio Pedro II, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. E-mail: lucpassosmoraes@gmail.com.

